

## Autores judeus antigos

[Home](#) / Autores judeus antigos

### Quem somos nós? Falam autores judeus antigos

Páginas 1 | [2](#) | [3](#)

leitura: 17 min

*“Habitando um número considerável de judeus em nosso território (...) e desejoso de lhes ser agradável (...), nós decidimos mandar traduzir vossa Lei do hebraico para o grego, para termos estes livros também em nossa biblioteca, com os outros ‘livros do rei’” (O rei Ptolomeu II Filadelfo ao sumo sacerdote Eleazar, segundo a Carta de Aristeias a Filócrates, séc. II a.C.).*

A partir do século III a.C., com a assimilação da língua e dos gêneros literários gregos, vários judeus tentam explicar aos seus conterrâneos e aos gregos cultos, especialmente de Alexandria, que o judaísmo é uma religião respeitável e recomendável pela sua antiguidade e pelos feitos de seus líderes.

Escrevendo em grego, e em gêneros literários gregos – da historiografia à filosofia – autores como Aristeias, Artápano, Teodoto, Jasão de Cirene e outros nos legam uma literatura de apologia do judaísmo, mas que é, ao mesmo tempo, excelente testemunho da resistência e da submissão desse povo e dessa cultura ao dominador grego.

Neste artigo, proponho a abordagem, em um primeiro momento, desta literatura de um modo geral e, em seguida, da Carta de Aristeias a Filócrates e de alguns historiadores como Demétrio, Eupólemo, o Samaritano anônimo, Artápano e o Pseudo-Hecateu.

Naturalmente esta é apenas uma amostragem, mas creio que bastante significativa, do processo de helenização que avança inexoravelmente entre os judeus durante os últimos três séculos antes da era cristã.

#### 1. Literatura judaica em grego

Muitos autores judeus da época helenística escrevem em grego. Seu objetivo é, às vezes, o de explicar aos seus conterrâneos da diáspora, que falam grego ou leem apenas o grego, a validade e a importância dos antigos preceitos e da Lei judaica. Outras vezes, eles escrevem também para demonstrar aos gregos, com os quais convivem, que o judaísmo tem práticas bem fundamentadas, antigas e de muito valor.

Temos preservados, quase sempre só fragmentariamente, textos dos mais variados gêneros. Desde a tradução da Torá do hebraico para o grego, passando pela historiografia, carta, poesia, teatro até a filosofia.

É impossível sabermos até onde estes textos sobreviventes representam a totalidade da produção judaica em língua grega. Mas, mesmo assim, seu valor permanece, por serem os únicos textos deste tipo que possuímos[1].

O primeiro texto que chama a nossa atenção é a mais antiga tradução da Bíblia hebraica para o grego, a chamada **LXX**[2].

A LXX não é apenas uma tradução. É uma releitura da Bíblia com características específicas. Eis dois exemplos desta releitura:

. Em Ex 3, 14ss Deus não é lahweh, mas o Senhor (*Kýrios*): faz-se um esforço para deslocar Deus de um contexto local e particular, o do povo judeu, para uma dimensão universal, a realidade do mundo após Alexandre Magno.

. No início do Sl 18 fala-se de lahweh como *rocha, fortaleza, abrigo, escudo, torre* Os LXX traduzem isto em conceitos mais abstratos, não semíticos: lahweh é *apoio, refúgio, protetor* etc, conceitos aceitáveis para a mentalidade grega.

Estritamente falando, a LXX é só o Pentateuco, que é traduzido por volta de 285 a.C. ou pouco depois. Os outros livros são traduzidos posteriormente, e para a maioria não temos datas exatas.

A Carta de Aristeias a Filócrates, do séc. II a.C., diz que 72 tradutores, enviados pelo sumo sacerdote de Jerusalém, vertem a Torá para o grego em 72 dias, a pedido do rei Ptolomeu II Filadelfo (285-247 a.C.).

Esta história de 72 tradutores é mera ficção, mas hoje sabemos que:

- a) o rei Ptolomeu II precisa conhecer a lei da comunidade judaica para administrá-la
- b) Alexandria é um centro onde há grande curiosidade intelectual
- c) além do que, os judeus de Alexandria, que falam só o grego, precisam conhecer as suas leis, para a organização social da comunidade e para atender às necessidades litúrgicas locais.

Outro setor extremamente interessante é o da **historiografia**: *Demétrio, Eupólemo, o Samaritano anônimo, Artápano, Cleodemo Malco, Aristeias, o Exegeta, o Pseudo-Hecateu e 2 Macabeus (Jasão de Cirene)* são os principais representantes deste gênero[3].

Estes são os primeiros autores judeus do período helenístico que escrevem em grego. São geralmente ou da Palestina ou do Egito e cobrem um período que vai do século III a.C. ao século I a.C.

Neles as tradições religiosas judaicas e gentias são mixadas e fundidas: eles manifestam várias características da época helenística e, por isso, são preciosos para a pesquisa sobre a helenização do judaísmo. Eles iluminam o processo social pelo qual o primeiro grupo judeu se acomoda e se adapta à cultura dominante grega na qual ele vive.

Estes autores escrevem sobre sua herança judaica, mas usando os novos gêneros da cultura em que vivem, e mostram confiança nesta cultura.

São importantes também porque fazem interpretações midrashicas da tradição bíblica e iluminam os modos de leitura bíblica tanto na Palestina quanto na diáspora.

A maioria destes textos é preservada, em primeiro lugar, pelo escritor Alexandre Poliístor, de Mileto, que, em Roma, na metade do séc. I a.C., coleta materiais de várias proveniências e autores, inclusive sobre os judeus e de autores judeus. Como falta a Alexandre Poliístor originalidade no modo de tratar seus materiais, suas fontes estão bem preservadas.

Entre suas muitas compilações, Alexandre Poliístor escreve *Peri loudaíôn*, “Sobre os judeus”, onde cita os autores judeus helenistas.

Da obra de Alexandre Poliístor temos apenas fragmentos, citados por Eusébio na sua *Praeparatio Evangelica* IX, 17-39, e alguns por Clemente de Alexandria, em *Stromata*[4].

C. R. Holladay observa que Eusébio cita tais fragmentos “porque eles foram preservados por um autor gentio que tornou-se um valioso testemunho para a antiguidade do judaísmo e, por extensão, para a credibilidade da cristandade”[5].

Destes historiadores tratarei ainda neste artigo, apenas deixando de lado Cleodemo Malco – samaritano do século II a.C. que num único fragmento trata de Abraão e sua descendência – e Aristeias, o Exegeta, talvez do Egito, no século II a.C., e que trabalha a história de Jó[6].

Na área da **poesia** conhecemos dois autores interessantes: *Fílon épico* e *Teodoto*.

Fílon, poeta épico, deve ser situado entre os séculos II e I a.C. em Jerusalém. De seu poema “Sobre Jerusalém” (*Peri tã Hierosólyma*) temos três fragmentos citados por Eusébio, na *Praeparatio Evangelica* IX, 20; 24; 34. O primeiro trata de Abraão, o segundo de José e o terceiro canta a abundância da água em Jerusalém.

Teodoto de Siquém é citado por Eusébio, *Praeparatio Evangelica* IX,22. O seu tema é a história da cidade de Siquém. Teodoto pode ser situado entre os séculos II e I a.C. Provavelmente é um samaritano[7].

*Ezequiel, o Trágico*, do séc. II a.C., que escreve provavelmente em Alexandria, é uma isolada testemunha da conversão de temas bíblicos em **dramas** gregos.

Através de Eusébio e Clemente de Alexandria, conhecemos trechos de seu drama “O Êxodo” (*Exagôgê*). Ezequiel segue de perto a narrativa bíblica, mas a enfeita com muitos misdrashim. Sua linguagem tem afinidade com Eurípedes e outros trágicos do séc. V a.C.[8]

Finalmente, no campo da **filosofia** é necessário citar *Aristóbulo*, judeu alexandrino do séc. II a.C., talvez até mesmo um dos sábios do Museu. Ele conhece a fundo a filosofia grega, especialmente Pitágoras, Sócrates e Platão. E ele é um eclético em seu pensamento.

Sua obra reproduz temas da Torá, que são explicados filosoficamente. Ele descreve o conteúdo do Pentateuco para mostrar ao mundo culto grego que a lei mosaica já possui tudo o que os filósofos ensinam[9].

Agora, é preciso dizer que a filosofia judaica produzida na época helenística permanece ligada aos conceitos da sabedoria palestina. O objetivo desta filosofia não é a discussão da lógica ou da física, e sim da ética. “O objetivo dos filósofos judeus era apenas um: educar as pessoas na verdadeira moralidade e piedade”[10].

## 2. Nada na Escritura está fixado por acaso

Certo **Aristeias**, que se apresenta como alexandrino, escreve a seu irmão Filócrates para contar-lhe de uma embaixada, na qual ele toma parte. Embaixada que o rei Ptolomeu II Filadelfo (285-247 a.C.) manda ao sumo sacerdote de Jerusalém, Eleazar.

O motivo da embaixada: o bibliotecário de Alexandria, Demétrio de Fáleron, explica ao rei que é necessário traduzir e possuir junto aos outros livros, também a lei dos judeus.

*“Eu estava presente quando [o rei] lhe perguntou: ‘Quantos milhares de livros há?’ Ele respondeu: ‘Mais de duzentos, rei; porém, estou me apressando para completar em pouco tempo os quinhentos mil que me faltam. Disseram-me que as leis dos judeus deveriam ser transcritas e formar parte de tua biblioteca’. Disse: ‘E o que te impede de fazê-lo? Tens tudo o que é necessário à tua disposição’. Porém Demétrio respondeu: ‘É preciso traduzi-las, pois utilizam na Judeia uma escrita peculiar, como os egípcios, tanto na disposição das letras como na pronúncia. Supõe-se que empreguem o siríaco, porém não exatamente, mas um dialeto diferente’. Quando o rei se informou dos pormenores, deu ordem para se escrever ao sumo sacerdote dos judeus para que se realizasse o combinado”[11].*



Após contatos epistolares entre o rei e o sumo sacerdote, a embaixada alexandrina dirige-se a Jerusalém com o objetivo de conseguir um exemplar fidedigno da Lei e idôneos tradutores. O sumo sacerdote Eleazar escolhe, então, 72 especialistas – 6 de cada uma das 12 tribos de Israel – que são regamente recebidos em Alexandria. Em 72 dias, isolados na ilha de Faros, os 72 tradutores realizam o seu trabalho, que é lido para a comunidade judaica de Alexandria e aprovado. Os 72 tradutores voltam a Jerusalém carregados de presentes do rei.

Este é o tema central da Carta, que está falando da tradução da LXX. Mas, uma série de assuntos paralelos são inseridos no seu meio:

- . o rei liberta os escravos judeus que estão no Egito
- . descreve-se a cidade de Jerusalém e o Templo
- . conta-se de um banquete do rei com os 72 sábios judeus, durante 7 dias, quando se discutem variadas questões.

O nome dado ao escrito, *Carta de Aristeias a Filócrates* é recente: aparece pela primeira vez em um manuscrito de Paris do século XIV, o *Ms. Parisinus*, 950, da Biblioteca Nacional de Paris. Flávio Josefo chama-o simplesmente de “O livro de Aristeias”<sup>[12]</sup> e Eusébio, na sua *Praeparatio Evangelica* IX, 38, refere-se ao escrito com o título de “Sobre a tradução da lei dos judeus”.

O autor se apresenta como um grego, adorador de Zeus:

*“Estes [os judeus] adoram ao Deus que vê e cria todas as coisas, ao qual todos veneram; nós, porém, rei, o chamamos de forma diferente, Zena e Dia”*<sup>[13]</sup>.

Mas o autor da Carta é um judeu de Alexandria e vive muitos anos depois dos fatos que narra. Porque, no § 28, diz ele:

*“Pois estes reis [sublinhado meu] administravam todos os assuntos...”*.

Isto indica uma época posterior ao segundo Ptolomeu.

No § 182 ele diz:

*“O que ainda permanece e se pode observar agora [sublinhado meu]...”*

Aqui também o autor se descuida e se mostra distanciado dos fatos que narra.

Além do que, sua origem judaica é patente em sua visão da Lei, do Templo, dos sacerdotes e dos judeus. E o fato de ter vivido bem depois dos acontecimentos é evidente em vários anacronismos, como, por exemplo:

. Demétrio de Fáléron não é diretor da biblioteca, muito menos na época de Ptolomeu II Filadelfo, que o desterra, talvez por volta de 283 a.C. Demétrio é um literato e político ateniense que chega a governar Atenas como vice-rei de Cassandro, rei macedônio. Em 307 a.C. ele vai para o exílio e junta-se à corte de Ptolomeu I Soter, em Alexandria, onde exerce grande influência. É possível que ele tenha sugerido a Ptolomeu I a fundação do Museu.

. no § 180, a Carta diz que o rei fala de uma vitória naval sobre Antígono:

*“Pois casualmente coincidiu [o dia da chegada dos tradutores a Alexandria] com nossa vitória naval sobre Antígono”*.

Só que esta é uma derrota na batalha de Cós, em 258 a.C.

Enfim, a data da Carta é difícil de ser estabelecida, mas certamente ela é do século II a.C., talvez mais para o seu final. Cerca de um século e meio posterior aos fatos que narra.

“Carta” é apenas um gênero literário, muito comum na época helenística. Na verdade esta carta “é um escrito de propaganda que quer informar sobre a tradução do Pentateuco para o grego. Sua finalidade é, assim, apologética e provavelmente didática. Difícil é determinar seu destinatário principal: os próprios judeus (da Palestina ou da diáspora), os gregos (a fim de fazê-los participantes do passado glorioso de Israel) ou a corte dos Ptolomeus”, comenta A. Diez Macho<sup>[14]</sup>.

A concepção de Deus presente na Carta é universalista: o autor se esforça para apresentar à sociedade helenística uma imagem aceitável do Deus dos judeus, mas também de seus costumes e de sua religião, como no § 168 que diz:

*“Assim pois, no que diz respeito aos preceitos que te apresentei, na medida em que se pode expô-los tão resumidamente, tudo está orientado para a justiça e nada na Escritura está fixado por acaso ou em forma de mitos, mas encaminhado para que em toda a nossa vida e ações pratiquemos a justiça com todos os homens, segundo o Deus soberano”*.

Ou quando Aristeias diz ao rei Ptolomeu no § 15:

*“Concluí que o Deus que lhes deu a lei [aos judeus] é o mesmo que governa teu reino”.*

Já no § 31 diz Aristeias:

*“Porque esta lei, por ser divina, é a mais sábia e perfeita”.*

Sobre os 72 tradutores diz Aristeias no § 122:

*“Tinham grandes dotes para as entrevistas e discussões motivadas pela lei, zelosos da moderação, pois esta é a melhor, descartadas a rudeza e a incultura da mente e, ao mesmo tempo, muito afastados da ideia de desprezar os outros”.*

Compare-se esta visão com o antissemitismo grego de origem egípcia, visto no artigo [Quem são os judeus? Falam autores gregos antigos](#) e o tom apologético da carta torna-se evidente.

Além disso, a exegese alegórica da Carta, como nos §§ 147-166, possibilita ao autor explicar aos gregos vários preceitos judaicos que parecem esquisitos para eles, especialmente no tocante às proibições alimentares. Interpretando alegoricamente estes preceitos, Aristeias tenta fazê-los compreensíveis e aceitáveis aos gregos. A religião de Israel torna-se humanitária, ilustrada e filantrópica[15].

### 3. Demétrio, o primeiro autor judeu de fala grega

Demétrio escreve crônica. É conhecido entre os estudiosos modernos como Demétrio, o Cronógrafo[16]. Seu interesse em a narrativa bíblica é todo voltado para seu valor histórico, documentando nascimentos, genealogias etc.

Demétrio é talvez o primeiro autor judeu que faz uma sistemática crítica bíblica: ele observa as dificuldades e inconsistências cronológicas, lógicas e morais presentes no texto grego da LXX, que é o texto usado por ele. Mas não se limita a observar os problemas: tenta solucioná-los. Demétrio é de Alexandria e pode ser situado na última metade do século III a.C.

O que indica ser sua cidade a Alexandria dos Ptolomeus?

- . aparentemente ele não sabe hebraico. E só conhece a versão grega da Bíblia, a LXX
- . vive no mesmo ambiente intelectual de Eratóstenes – diretor da biblioteca de Alexandria, matemático, geógrafo, filósofo, crítico literário etc que falece por volta de 234 a.C. – Hecateu de Abdera (ca. 300 a.C.), Maneton (séc. III a.C.), Fábio Píctor (séc. III a.C.): todos eles são interessados em cronografia[17].

Além do mais, a última metade do século III a.C. é a época mais indicada para Demétrio, pois no Fragmento 6 o reinado de Ptolomeu IV Filopator (221-205 a.C.) é colocado como “terminus ad quem” do seu sumário cronológico.

De Demétrio temos 6 fragmentos. Os 5 primeiros tratam de acontecimentos narrados em Gênesis e Êxodo. O sexto é um sumário cronológico de um período da história de Israel e é baseado em 2 Reis. Os 5 primeiros são transmitidos por Eusébio e o sexto por Clemente de Alexandria.

Apesar dos limites do texto, a importância de Demétrio é grande porque:

- . ele é o primeiro autor judeu independente conhecido que escreve em grego. É o primeiro representante do judaísmo de fala grega, excetuando-se, é claro, a LXX, mas que é uma obra coletiva e, além do mais, uma tradução
- . ele é fonte importante para se examinar a relação entre os métodos de exegese palestino e alexandrino
- . ele é talvez o primeiro autor judeu cujo trabalho reflete uma consciência e um conhecimento da historiografia grega e, portanto, é importante para se verificar as raízes da helenização entre os judeus da diáspora.

O objetivo de Demétrio parece ser o de mostrar aos gregos a antiguidade de Moisés e do povo judeu e, portanto, sua credibilidade[18].

[1]. Cf. SCHÜRER, E. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ III.1*. London: Bloomsbury T & T Clark, 2015, p. 470-473.

[2]. Cf. LAMARCHE, P. La Septante, em MONDÉSERT, C., (org.) *Le monde grec ancien et la Bible (Bible de tous les temps 1)*. Paris: Beauchesne, 1984, p. 19-35.

[3]. Cf. HOLLADAY, C. R. *Fragments from Hellenistic Jewish Authors, vol. I: Historians*. Chico, California: Scholars Press, 1983, p. 1-5.

[4]. Eusébio, bispo de Cesareia, na Palestina, vive entre 265 e 340 e escreve importantes obras em grego, entre elas a famosa “Historia Ecclesiastica”, a “Praeparatio Evangelica” e a “Demonstratio Evangelica”. Clemente de Alexandria vive aproximadamente de 160 a 215. Um dos mais notáveis padres gregos, famoso por seu amplo conhecimento da literatura e da filosofia gregas. Deve ter nascido em Atenas, mas vive e ensina em Alexandria. Além de outras obras, escreve o Stromata, “Miscelâneas”, cujo objetivo é reconciliar a fé cristã com a razão e a filosofia.

[5]. HOLLADAY, C. R. o. c., p. 8-9.

[6]. Ambos podem ser lidos em Idem, *ibidem*, p. 245-275.

[7]. Cf. HOLLADAY, C. R. *Fragments from Hellenistic Jewish Authors, vol. II: Poets*. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1989, p. 51-299. Fílon e Teodoto são comentados também por SCHÜRER, E. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ III.1*, p. 559-563.

[8]. Cf. HOLLADAY, C. R. *Fragments from Hellenistic Jewish Authors, vol. II: Poets*, p. 301-529.

[9]. Cf. HOLLADAY, C. R. *Fragments from Hellenistic Jewish Authors, vol. III: Aristobulus*. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1995.

[10]. SCHÜRER, E. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ III.1*, p. 567. O grande filósofo judeu helenizado é obviamente Fílon de Alexandria (20 a.C.-54 d.C.), de quem não trato aqui por estar além da época demarcada para este estudo.

[11]. CARTA DE ARISTEAS A FILÓCRATES, 10-11, em DIEZ MACHO, A. *Apócrifos del Antiguo Testamento II*. Madrid: Cristiandad, 1983, p. 20.

[12]. Cf. JOSEFO, F. *Antiquitates Iudaicae* XII, 100.

[13]. CARTA DE ARISTEAS A FILÓCRATES, 16, em o. c., p. 21-22. Zena (*Zêna*) vem de *zên* = “viver” e Dia (*Diá*), por causa da preposição homônima *diá* = “através de”, faz da divindade a causa de todas as coisas. São etimologias populares usadas para Zeus na época helenística.

[14]. DIEZ MACHO, A. *Apócrifos del Antiguo Testamento II*, p. 14.

[15]. Cf. Idem, *ibidem*, p. 41; SCHÜRER, E. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ III.1*, p. 677-687.

[16]. Os “cronógrafos” ou “logógrafos” são os cronistas antigos, precursores dos verdadeiros historiadores como Heródoto. Eles representam a transição da poesia épica para a prosa. Suas narrativas são em geral áridas e com pouco senso crítico. Cf. HARVEY, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*, verbete *Logôgrafos*.

[17]. Contudo, nada impede que a origem do escrito possa ser situada ou na Palestina ou na Cirenaica. Em ambos lugares há judeus cultos e que sabem grego. E talvez ele saiba hebraico.

[18]. Cf. HOLLADAY, C. R. *Fragments from Hellenistic Jewish Authors I*, p. 53-54; SCHÜRER, E. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ III.1*, p. 513-517.

Última atualização: 26.04.2019 – 22h15

Menu 2

- [Bibliografia bíblica](#)
- [Enquetes bíblicas](#)
- [Guimarães Rosa](#)

- [Mapa do Site – Sitemap](#)
- [Política de Privacidade](#)
- [Acessibilidade](#)

Links  
Publicações

WordPress Support  
WordPress Brasil

Selecione o idioma ▼

Powered by  **Tradutor**

Visitantes hoje: 37 | Visitas: 161

